

As marcas regionais lexicais do português falado em Colíder – MT

The lexical regional marks of Portuguese spoken in Colíder – MT

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.34945>

Maria José Basso Marques

Doutoranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É Mestra em Letras, no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Docente da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso. Pesquisadora/Membro do Projeto de Pesquisa Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte de Mato Grosso, Portaria nº 2913/2019, UNEMAT-Campus Universitário de Sinop. Coordenadora do grupo de estudos Introdução à Linguística em Colíder-MT.

E-mail: marialider@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2061-7222>

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida

É professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo. Atua nos seguintes temas: Linguística Histórica, Crítica Textual e Filologia, Dialectologia e História da Língua Portuguesa.

E-mail: msantiago@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0680-1151>

RESUMO

Este trabalho utiliza como *corpus* um recorte dos dados geolinguísticos documentados para o Atlas Semântico-Lexical de Colíder-MT (ASeLCo). Esse município integra, conforme a divisão dialetal que Nascentes (1953) fez no Brasil, parte do território incharacterístico e, também por esse motivo, ausente na rede de pontos do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). O estudo objetiva examinar quais são as marcas regionais registradas no português falado desses indivíduos sob a ótica da variação diatópica e diageracional. A análise recai sobre as lexias, em manutenção, registradas como respostas dadas às questões 1, 2, 33, 44, 47, 85, 99, 115, 128, 131, 145, 157, 158, 160, 162, 164, 167, do Questionário Semântico Lexical (QSL), versão 2001, do (ALiB), no ponto linguístico rural do ASeLCo, Comunidade Café Norte. O estudo foi fundamentado nos princípios teóricos da Dialectologia, da Sociolinguística e da Lexicologia. Os dados analisados mostraram que o português falado nessa comunidade foi constituído, em sua maioria, por meio do contato linguístico na interação dos migrantes oriundos do Sul e Sudeste do país, com predomínio de variantes +[RS] e essa variedade permanece no falar dos informantes acima de 50 anos de idade.

Palavras-chave: Léxico. Marcas regionais. Atlas semântico-lexical. Colíder-MT. Diversidade linguística.

ABSTRACT

This work uses as corpus a clipping of the documented geolinguistic data for Colíder-MT Semantic-Lexical Atlas (CoseLA in English - AseLCo in Portuguese). This municipality integrates, according to the dialectal division that Nascentes (1953) made in Brazil, part of the uncharacteristic territory and, also for this reason, absent in the ALiB Project (Linguistic Atlas of Brazil) points network. The study aims to examine which are the regional marks registered in the Portuguese spoken by these individuals from the perspective of diatopic and diagerational variation. The analysis focuses on the lexias, in maintenance, registered as given answers to the questions 1, 2, 33, 44, 47, 85, 99, 115, 128, 131, 145, 157, 158, 160, 162, 164, 167, of the Lexical Semantic Questionnaire (QSL in Portuguese), version 2001, of (ALiB), in the rural linguistic point of ASeLCo, Café Norte Community. The study was based on the theoretical principles of Dialectology, Sociolinguistics and Lexicology. The data analyzed showed that the Portuguese spoken in this community was constituted, mostly, through linguistic contact in the migrants' interaction from the South and Southeast of the country, with a

predominance of variants + [RS] and this variety remains in the informants' speech, who is over 50 years old.

Keywords: Lexicon. Regional marks. Semantic-lexical Atlas. Colíder-MT. Linguistic diversity.

Introdução

Até meados do século XX, grande parte da região Norte do Mato Grosso era habitada por populações indígenas e formada por mata fechada, fatores que motivaram Antenor Nascentes (1953) a considerar, linguisticamente, o norte-mato-grossense como “território incharacterístico”, na sua proposta de divisão dialetal do Brasil. Mas, atualmente, o processo migratório interno ocorrido no Brasil tem provocado um novo desenho dessa região, em termos culturais, linguísticos, econômicos e sociais.

Ao considerar essa nova realidade, em 2016, como proposta de dissertação de Mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso, *campus* de Sinop-MT, decidimos efetivar uma pesquisa que visava a elaboração de um atlas focando os aspectos linguísticos existentes no município de Colíder-MT, sob a orientação do professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida da Universidade de São Paulo (USP).

Após a conclusão do atlas, novas análises surgiram para outras investigações linguísticas, pois, os dados cartografados fornecem usos correntes na área investigada, os quais podem ser vistos não apenas como retrato da língua naquele momento e naquela área, mas como indicadores de mudanças que se esboçam, de comportamentos linguísticos, de usos que se especificam conforme o tipo de falante, de interferências do léxico atreladas às transformações político-econômicas, entre outras.(CARDOSO, 2016).

A pesquisa para a dissertação foi intitulada Atlas Semântico-Lexical de Colíder-MT (ASeLCo)¹. Essa abrangeu 6 pontos de inquérito, sendo 5 pontos na área urbana e 1 ponto na área rural, Comunidade Café Norte. A motivação desse estudo refere-se ao fato de, neste ponto rural, os dados cartografados mostrarem o uso de lexias não mencionadas por nenhum outro informante nos demais pontos da pesquisa. Dessa forma, na esfera dos estudos lexicais, dialetológicos e sociolinguísticos, este trabalho objetiva examinar quais são as marcas regionais no falar desses indivíduos visando um novo olhar sobre os dados coletados por Marques (2018), sob a ótica da variação diatópica e diageracional.

¹MARQUES, Maria José Basso. *Atlas Semântico-Lexical de Colíder-Mato Grosso*. Sinop, 2018. Dissertação de Mestrado, descreve e analisa os processos de variação linguística na constituição do léxico dos falantes no município de Colíder, traçando fotografias sociolinguísticas sob o aspecto semântico-lexical do (s) falar/falares dos migrantes e dos informantes nascidos nessa comunidade. A análise dos dados evidenciou que a realidade linguística local apresenta quadros multiformes do léxico, mostrando a influência de determinantes extralinguísticos, como a migração, a localização geográfica, a história e a cultura, revelando o mosaico que é a língua portuguesa.

O estudo se justifica pelo fato de o léxico cartografado possibilitar a observação do contexto sócio-histórico e a preservação linguístico-cultural da comunidade, além de permitir a documentação da análise semântica da diversidade lexical e geolinguística do português falado nessa localidade. Sendo assim, o conteúdo deste artigo estrutura-se, primeiramente, com a apresentação do contexto histórico do local investigado, um breve relato do método e resultados do ASeLCo, o diálogo teórico fundamentado nos princípios da Dialetologia e da Sociolinguística, por fim encontra-se a descrição e reflexão semântica das lexias documentadas acompanhadas das considerações.

1. Colíder e a Comunidade Café Norte: breve contexto histórico

Figura 1 – Localização de Colíder-MT.



Fonte: IBGE- SIRGAS 2000 – Organização: Marcelo Leandro Holzschuh.

O estado de Mato Grosso era pouco conhecido para o Brasil até o final do século XIX, devido à limitação de acesso por causa da floresta fechada, bem como a baixa densidade populacional. Esse desconhecimento foi alterado com o novo panorama demográfico provocado pelo surgimento dos diversos ciclos econômicos, como o do ouro, com a presença dos bandeirantes paulistas, da mineração e do gado, trazido pelos europeus, que também foi responsável por essa mobilidade espacial interna, em que, além de instaurar um novo hábito alimentar e o consumo de carne bovina, inaugurou um novo tipo de transporte no Brasil, o da atividade dos tropeiros. (ISQUERDO; TELES, 2014).

Com a abertura das estradas, no início do século XVIII, o tropeirismo chegou ao fim, a pecuária se espalhou, e no século XX alcançou o Centro-Oeste e o Norte do Brasil. Na década de 50 do século XX, as terras férteis do Sul, do então Mato Grosso, também atraíram paulistas e paranaenses para o cultivo do café. Ainda neste contexto de povoamento, destaca-se, conforme as autoras, a denominada Marcha para o Oeste, projeto de Getúlio Vargas, em 1937, cujos objetivos eram a ocupação e o desenvolvimento do interior do Brasil que ainda permanecia pouco povoado, especialmente o Norte e o Centro-Oeste.

No percurso dessa marcha, muitos povoados surgiram e entre esses a Gleba Cafezal, hoje, município de Colíder, que está localizada a 700 quilômetros da capital, Cuiabá, e muitas famílias, oriundas do Sul e Sudeste, se mudaram para esta localidade em busca de crescimento econômico, conforme prometiam as propagandas das colonizadoras particulares.

De acordo com a Lei nº 2693/2013, que dispõe sobre o Plano Plurianual para o quadriênio 2014–2017 (PPA) de Colíder, atualmente, o município é considerado um polo em desenvolvimento, pois possui agroindústrias de cadeia pecuária, laticínios, curtume, um frigorífico, e por fim a instalação de uma usina hidrelétrica. Esse progresso acompanhado de muitos migrantes acarretou mudanças não somente de ordem política e econômica, mas sobretudo, socioculturais e linguísticas.

Quanto à comunidade Café Norte, local da análise desse estudo, encontra-se situada a 32 quilômetros de Colíder, seu colonizador foi Nelson Paim Loureiro, que tinha a intenção de tornar a comunidade uma cidade, pois, “Paim era paulista, engenheiro, empresário, visionário, tinha intenções de fazer dessa comunidade uma cidade em desenvolvimento, investia no local com maquinários” (ELDIR, 2017)².

Narra o pioneiro que, com a vinda de um agrônomo, trazido pelo colonizador, esse reconheceu que as terras eram planas e muito férteis para o plantio de café, então o nome da comunidade surgiu dessa ideia e passou a ser chamada Café Norte. Nessa localidade, foi produzido muito café e outras lavouras de subsistência, no caso a lavoura branca, como o feijão, arroz e milho. Nesse período, a chamavam de “Capital do Feijão”. O sucesso na lavoura e as propagandas das terras férteis atraíram muitos migrantes do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, entre outros. (MARQUES, 2018).

Em 1980, uma pesquisa realizada pelo professor, registrou uma população de aproximadamente 6 mil habitantes. No entanto, com os conflitos proporcionados pela grilagem³ de terras, em 1984, o projeto de tornar o povoado em uma cidade não teve continuidade. E, a maioria dos habitantes saíram da comunidade para outras localidades, como Colíder, Sinop, Alta Floresta, em busca de melhores condições financeiras, estudos para seus filhos, entre outros. Atualmente, a comunidade conta com 200⁴ habitantes. Essa mobilidade geográfica do campo para a cidade é segundo Bortoni-Ricardo

² No intuito de conhecer a história desse ponto linguístico, buscamos, sem sucesso, registros desse local em órgãos públicos. Por essa razão, então, decidimos registrar o histórico através de relatos de moradores pioneiros desta localidade. Assim, entrevistamos Eldir Oliveira dos Santos, é Mestre em Organização dos Centros Educacionais pela Universidade de Santa Catarina (UFSC), possui especialização em Língua Portuguesa e Literatura, foi morador da Comunidade Café Norte de 1978 a 1990, onde atuou como professor do Ensino Fundamental. (MARQUES, 2018, p. 36).

³ No Brasil, grilagem de terras é a falsificação de documentos para, ilegalmente, tomar posse de terras devolutas ou de terceiros, bem como de prédios ou prédios indivisos. Disponível em: wikipedia.org/wiki.

⁴ Dados fornecidos pelo representante da Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER).

(2011), o primeiro fator para a difusão de seu dialeto. E a transição quase sempre implica uma mobilidade interocupacional, e os padrões de fala dos migrantes dependerá de seu ajustamento econômico e cultural à civilização urbana.

2. Os achados linguísticos: Atlas Semântico-Lexical de Colíder

Conforme Marques (2018), a elaboração do Atlas Semântico-Lexical de Colíder (ASeLCo) foi iniciada em 2016, sendo apresentado em 2018 como dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Mato Grosso. A motivação da pesquisa deveu-se à falta de estudos sobre a variação linguística nessa região, tendo em vista o grande fluxo migratório ocorrido na década de 1970, processo que iniciou a colonização das cidades matogrossenses.

Essa produção visou conhecer como se deu a formação do léxico no município e que implicações socio-históricas contribuíram para a formação desse falar. O método utilizado foi o da Geografia Linguística / Geolinguística, porém se insere no quadro metodológico da Dialectologia e da Geolinguística pluridimensional por contemplar, além do parâmetro diatópico, outros parâmetros variacionais (diatrático, diageracional, diassexual). Foram aplicadas as 202 questões do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, versão 2001.

A pesquisa foi realizada em 5 pontos na zona urbana e 1 ponto na zona rural. O estabelecimento dos pontos levou em consideração a história local, que é de migração, a densidade demográfica, de acordo com a estimativa do IBGE de 2017 o município estava com 32.298 habitantes e a distribuição espacial desses habitantes, os quais ficaram assim delineados: Ponto 1- Setor Oeste (4.210 hab.), ponto 2 – Setor Sul (3.860 hab.), ponto 3 – Centro (2.245 hab.), ponto 4 – Setor Leste (3.147 hab.), ponto 5 – Setor Norte (1.542 hab.) e ponto 6 – Comunidade Café Norte (200 hab.).

O inquérito foi realizado *in loco*, pela própria pesquisadora, junto a 48 informantes, 8 por ponto, os quais atendem a 03 parâmetros: diageracional duas faixas etárias – a primeira faixa etária, de 18 a 40 anos, nascidos no local, (se não nascidos, que tenham vivido, no mínimo, 30 anos na localidade) e, a segunda faixa etária, acima de 50 anos de idade em diante, com permanência de pelo menos 30 anos. Quanto ao parâmetro diagenérico, distribuem-se igualmente pelo mesmo sexo, 24 homens e 24 mulheres. Para a variável escolaridade, definiu-se duas, a primeira, analfabetos ou ter completado ou não o Ensino Fundamental, e, a segunda, ter nível Médio até Superior.

Os dados obtidos, quanto às variáveis extralinguísticas, foram apresentados em 202 cartas lexicais com demonstrativo das variações diatópica, diageracional e diassexual, acompanhadas de um histograma com percentual de frequência das lexias.

As descrições e reflexões demonstraram uma considerável variedade linguística em Colíder, trazida por migrantes do Sul e Sudeste, revelando, assim, a norma semântico-lexical vigente, e, que essa diversidade se concentra nos parâmetros diageracional e diassexual. Revelaram, também, uma possível inovação no léxico pelos informantes da primeira faixa etária e que há traços *descontínuos*, por jovens, das lexias, ainda em manutenção, na fala dos informantes da segunda faixa etária, na comunidade pelos sujeitos mais novos. (MARQUES, 2018, p. 31).

Como já mencionado por Cardoso (2010), após a conclusão de um atlas, novas análises surgem para outras investigações linguísticas. Um retorno à variação linguística registrada mostrou que as lexias, em manutenção, na comunidade Café Norte, podem ser a exibição da variedade de cunho regional e sociocultural que se esboça no português falado nessa localidade e que esse aspecto ainda não foi abordado, semanticamente, pela autora. Como linguistas, essas observações não podem passar despercebidas e precisam ser investigadas e registradas.

3. Diálogo com as teorias: O léxico, a Dialetoлогия e a Sociolinguística

A língua é composta por um léxico que é o inventário total de todas as palavras disponíveis aos falantes. Todo falante de uma língua possui um determinado vocabulário, que compreende as palavras que ele faz uso, vocabulário ativo, e as palavras que normalmente não usa, vocabulário passivo. (TRASKI, 2015). Dizendo de outra forma, os falantes de uma língua têm em seu repertório, um conjunto lexical adquirido nas relações interacionais, quer seja em casa, na convivência familiar, no trabalho, na escola, nos espaços públicos como a igreja, as festas, entre outros. E, desse, podem extrair os lexemas⁵ que desejam para expressar suas ideias, sentimentos, etc.

Biderman (2001) afirma que o repertório lexical revela a classificação que o homem dá aos seres e objetos, evidenciando a sua cultura e o acúmulo do saber linguístico de sua comunidade. Pode se inferir, então, que o léxico constitui um inventário aberto, em parte mutável por representar a visão do mundo e a cultura do povo que o usa. Essa mutabilidade, porém, observa-se, no português, mais

⁵ BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 169. “Termos como *palavra* e *vocabulo* da linguagem comum se prestam a equívocos e imprecisões. Por essa razão os linguistas cunharam o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata em língua. [...] Os lexemas se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis”.

nas formas livres que são os substantivos, adjetivos e verbos, que nas formas dependentes, ou seja, as preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções, etc., cujo inventário é geralmente fechado (BLOMFIEL, 1926 *apud* BIDERMAN, 2001).

Como as mudanças léxicas acompanham as alterações sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade, vários estudos surgiram para abordar a mudança linguística na perspectiva entre a língua e a realidade social e histórica das comunidades que a falam. Para essa linha de reflexão, segundo Faraco (2006), trouxeram especial contribuição os estudos dialetológicos e sociológicos que se desenvolveram a partir dos fins do século XIX.

A propósito desse estudo, entende-se por Dialetoлогия “o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de *dialeto*, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica” (FARACO, 2006, p. 178). Entende-se por Sociolinguística “o estudo das correlações entre formas linguísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes” (FARACO, 2006, p. 184).

No entanto, embora o enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas, pois essas estudam a língua falada e estabelecem relações entre traços linguísticos e grupos de pessoas, elas se distinguem na forma de tratar os fenômenos. A dialetologia considera os fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se como diatópica. E, a sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando as relações sociolinguísticas (CARDOSO, 2010).

Nesse sentido, para aprofundar os estudos das variedades linguísticas, é necessário considerar dois parâmetros: geográfico/diatópico, diferenças linguísticas no espaço, e o social/diastrático que são os fatores ligados à identidade dos falantes e à organização sociocultural da comunidade de fala. Portanto, o trabalho aqui analisado segue esses dois caminhos, a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico.

O Contínuo de urbanização

Para entendermos a variação registrada na comunidade Café Norte em Colíder-MT, precisamos primeiro compreender como ocorre a variação do português brasileiro explicado por Bortoni-Ricardo (2004). Para a autora, há dois domínios de oralidade, em uma das pontas estão situados os falares rurais, mais isolados pela dificuldade geográfica e pela falta de meios de comunicação; no outro lado da ponta estão os falares urbanos que, no decorrer do processo sócio-histórico, sofreram influências de codificação linguísticas, na escola, dos meios de comunicação como a imprensa, a televisão, o rádio, das instituições religiosas como a igreja, entre outras que são implementárias de uma cultura de letramento. No espaço entre esses dois polos, variedades rurais e variedades urbanas, fica uma zona *rurbana*.

Os grupos *rurbanos* são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Tomando esses dois polos, identificamos que os habitantes da segunda geração, acima de 50 anos de idade, que vivem a mais de 30 anos nesta comunidade, Café Norte, estão situados no polo rural desse contínuo. Já os mais jovens, de 18 a 40 anos, que moram no campo, mas trabalham e estudam na zona urbana, estão no espaço em que predomina o falar urbano. Talvez esse seja o motivo de observarmos os usos de lexis diferentes das registradas como norma linguística no ASelCo. Esses traços linguísticos “à medida que se aproximam do polo urbano têm uma distribuição *descontínua* porque seu uso é descontinuado nas áreas urbanas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53).

A diferença no contínuo rural-urbano se explica em função das características de suas *redes de relações sociais*. A autora explica que a análise de redes sociais é um instrumento de pesquisa útil no estudo de sistemas sociais fluidos que estejam passando por rápidas mudanças. Explica, então, que as redes isoladas, no sentido social, são restritas à família extensa e aos conhecidos e vizinhos do período pré-migratório, por isso tendem a favorecer a manutenção da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo. Tal resistência pode não ser uma atitude consciente, mas pode ser resultado do próprio estado de isolamento (BORTONI-RICARDO, 2011).

Isto posto e diante do contexto histórico da comunidade investigada, podemos dizer que seus habitantes estão situados entre os dois polos do *contínuo de urbanização*, ou seja, temos um grupo *rurbano*, pois há os migrantes rurais com suas *redes isoladas*, e o grupo, principalmente os mais jovens, com acesso à urbanização.

4. Descrição e discussão das lexias registradas na Comunidade Café Norte

A população da Comunidade Café Norte é constituída por indivíduos que migraram do estado do Paraná, cujos pais são do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Ceará, bem como sujeitos nascidos e criados no local. Ao realizarmos a pesquisa, foi constatado que esse contexto heterogêneo proporcionou usos linguísticos diferentes, os quais evidenciaram a riqueza da cultura e da linguagem local e que nos conduziu a algumas reflexões sobre as unidades lexicais mencionadas pelos entrevistados que, do ponto de vista dialetológico, estão em manutenção no falar desses migrantes. Sendo assim, será delineada a estrutura reflexiva.

Primeiro, apresentar-se-ão as perguntas do QSL, cujas respostas foram selecionadas para a descrição e reflexão. Na sequência, no quadro 1, os dados estão distribuídos da seguinte forma: na primeira coluna, registra-se o número da questão; em seguida, encontra-se a lexia dada como resposta pelos informantes da comunidade Café Norte e a variante que aparece como possibilidade de resposta na cabeceira das perguntas do QSL. A terceira coluna refere-se à lexia que obteve maior frequência de uso entre os 48 entrevistados, sendo que acima de 50% de frequência essa variante foi considerada como norma na fala local. A quarta coluna contém os parâmetros sociais do informante respondente, sendo assim, tem-se M para masculino, F para feminino, FE1 - primeira faixa etária, FE2 - segunda faixa etária, F - escolaridade de nível fundamental e S - escolaridade de nível superior.

Questões do QSL utilizadas na análise:

- 1 - *Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*
- 2 - *...tronco, pedaço de pau ou tábuas que serve para passar por cima de um _____ (cf. Item 1)?*
- 33 - *Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?*
- 44 - *Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?*
- 47 - *Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?*
- 85 - *Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*
- 99 - *... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)? (Apontar)*
- 115 - *... pessoa que puxa de uma perna?*
- 128 - *Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*
- 131 - *Como se chama o filho que nasceu por último?*
- 145 - *Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?*

157 - Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?

158 - ... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

162 - ... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

164 -... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo?

167 -... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?

Quadro 1 – Lexias, em manutenção, na Comunidade Café Norte.

Número da	Lexias registradas na Com. Café Norte	Variante registrada com maior frequência	Variáveis
Acidentes geográficos			
1	sanga para córrego	córrego - 52%	F-FE2 -F
	corixo para córrego		M-FE1-F
2	plancha para pinguela	pinguela - 67%	F-FE2-F
Astros e tempo			
33	Caminho de Maria para Caminho de	não sei 35% e constelação - 11%	M-FE2-F
Atividades agropastoris			
44	mangará para coração da banana	umbigo - 46%	M-FE2-F
47	rastolho para soca/touceira	touceira/toceira - 21%	F-FE1-S
Fauna			
85	pito-saci para libélula	lava-bunda - 42%	M-FE2-S
Corpo humano			
99	queixal para dentes molares	não sabe - 36% e siso - 10%	M-FE2-F
115	narfo para manco	manco- 75%	M-FE1-S
	cambota para manco		M-FE1-F
Ciclos da vida			
128	guacheira para ama de leite	mãe de leite - 77%	M-FE1/FE2-F
131	nenê da casa para caçula	caçula - 85%	F-FE2-S
Convívio e comportamento social			
145	porronca para cigarro de palha	cigarro de palha/palheiro/paiero -52%	M-FE2-F
	criolo para cigarro de palha		F-FE2-S
Jogos e diversões infantis			
157	bodoque para estilingue	estilingue - 98%	F-FE2-S
158	arco para papagaio de papel/pipa	pipa 81%	F-FE2-S
162	lets para pega-pega	esconde-esconde 85%	F-FE2-S
	gringorraia para pega-pega		M-FE2-S
164	passa já para lenço atrás	lenço atrás- 25%	M-FE1-F
	ovo choco para lenço atrás		F-FE2-S
167	sapatinha para amarelinha	amarelinha - 83%	F-FE2-S

Fonte: Dados retirados do ASeLCo - (MARQUES, 2018).

A busca investigativa compreende o parâmetro diatópico/regional. Para esse fim, buscou-se dados lexicológicos em: Dicionário gaúcho (OLIVEIRA, 2003), Dicionário sociolinguístico paranaense (FILIPAK, 1924), Dicionário do dialeto rural do Vale de Jequitinhonha - Minas Gerais (ANTUNES, 2013), Dicionário de termos populares: registrados no Ceará (SERAINÉ, 1958) e Dicionário da Terra e da gente do Brasil (SOUZA, 1961). Esses dicionários regionais reúnem termos e acepções não dicionarizados, de uso nessas localidades.

Ainda, com o intuito de agrupar as variantes quanto ao conceito e indicação de regionalismo, trouxemos dois dicionários contemporâneos, Michaelis Digital (2015) e Houaiss (2011). Por fim, para alguns lexemas, foi preciso a apuração etimológica, sendo utilizada como ferramenta investigativa o Dicionário Crítico Etimológico Castellano e Hispánico (COROMINAS; PASCUAL, 1980) e o Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi CUNHA (1982). Dessa forma, expomos aqui as análises a partir da dimensão diatópica e diageracional.

A primeira reflexão feita, refere-se aos dados retirados das edições consultadas dos dicionários regionais e as cartas linguísticas do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), os quais podem ser tomados como indicativos de predomínio de variantes + [RS] na localidade, como bem mostra, no quadro 2, em que há lexias presentes, tanto no vocabulário gaúcho quanto no vocabulário paranaense, tendo como referência o mesmo conceito, são elas: 01-*sanga* (pequeno riacho), 02-*plancha* (tora, tábua), 47-*rastolho* (espiga de milho mal desenvolvida), 128-*guacheira/guaxeira* (vem de guacho/guaxo – animal ou criança amamentado por outra mãe), 145-*criolo*, monotongação de *crioulo*, (cigarro de palha) e 157-*bodoque* (arma para caçar passarinho).

Tal indicativo foi confirmado com a exploração da cartografia do ALERS, a qual evidenciou que as variantes *sanga* (carta 008), *rastolho/restolho* (carta 248), *bodoque* (carta 303), *criolo/crioulo* (carta 352) são termos mais usados no falar gaúcho. À vista disso, infere-se que predominam variedades do dialeto gaúcho nessa comunidade, trazidas por migrantes paranaenses, em manutenção, na fala de sujeitos da segunda geração (FEII).

Quadro 2 – Lexias com registros comuns nos dicionários de termos gaúchos e no dicionário sociolinguístico paranaense.

Número da Questão	1	2	47	128	145	157
Lexias registradas na Com. Café Norte	<i>sanga</i>	<i>plancha</i>	<i>rastolho</i> para soca/touceira	<i>guacheira</i> para ama de leite	<i>criolo</i> para cigarro de palha	<i>bodoque</i> para estilingue
Dicionário gaúcho (OLIVEIRA, 2003).	subs. 1. pequeno riacho, que pode secar facilmente quando é formado pelas chuvas.	planchado- Subs. Grande tora de madeira que se falqueja de dois lados, para se adaptar melhor à terra.	Subs. Diz-se da espiga de milho que não cresceu totalmente, ficando atrofiada. Fig. Pessoa ruim. Variação de restolho.	guacho- Adj. Diz-se do animal ou criança amamentados com leite que não é o materno. Variação de guaxo.	Crioulo- Subs. 1. Diz-se de indivíduo natural de qualquer parte do estado. 2. Cigarro feito em palha de milho, com fumo de rolo picado e desfiado.	Subs. Forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras, e usada geralmente por crianças para matar passarinhos; atiradeira, estilingue.
Dicionário sociolinguístico paranaense (FILIPAK, 1924)	S. f (PR) - Arroio que corre nas barrocas. 2- Vala natural dos campos e banhados.	S. f - Grande tábuca, grossa e larga, tabuão.	E. m. (PR) - Espiga (soca em Santa Catarina) miúda de milho, mal granada, que serve para forragem para as vacas leiteiras. Var. restolho	Guaxeira. S. f (Lit. PR)- Coisa feia, malfeita, velha. Guaxo- S.m. e Adj. : que perdeu os pais, órfão, só, abandonado, sem dono. Animal que é criado longe da, ou sem a mãe, amamentado artificialmente. O termo aplica-se a todos os animais.	Crioulo - S. m. (PR) 1. Natural do lugar, de produção própria. Fumo crioulo. 2- Cigarro de palha de milho	S.m. (PR) 1. - Espécie de arco, feito de guatambu, gramíngua, pitangueira ou peroba, para atirar pedras ou pelotes, utilizado na caça de passarinhos. O mesmo que setra.
Dicionário do dialeto rural do Vale de Jequitinhonha - Minas Gerais (ANTUNES, 2013)	_____	_____	_____	_____	_____	bodoquiá (de bodoque arco para atirar bolas de barra endurecida ao fogo, pedrinhas etc, s. XIX - AGCUNHA). Fazer uso de bodoque, uma espécie de atiradeira, para matar passarinho [...].
Dicionário de termos populares: registrados no Ceará (SERAINÉ, 1958)	_____	_____	_____	_____	_____	S. m. Arco com duas cordas de linho, paralelas, com pequenina rede entre elas, defronte da empunhadura. Arma de caça a passarinho.
Dicionário da Terra e da gente do Brasil (SOUZA, 1961)	Pequeno arroio ou regato despraido no mato ou nas canhadas, que seca facilmente. [...] É termo usado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde fica a sanga do Madeira [...].	_____	_____	_____	Crioulo: nome que, no Brasil, apelida os negros nascidos no país. [...]	_____

Fonte: Elaboração própria.

Detectada a primeira confirmação das marcas regionais, presente na fala dessa comunidade, a verificação dos dados apontou para uma nova observação, a dos sentidos semânticos em relação a duas lexias que apresentam significados diferentes nas obras pesquisadas, sendo que alguns desses conceitos não atendem à denominação esperada como respostas às questões. A primeira é a variante *cambota*, resposta mencionada por um jovem da primeira geração, com escolaridade de nível fundamental e

descendente de paranaenses, para a questão 115- *Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?*. E a segunda, a variante *sapatinha*, resposta dada por uma migrante, da segunda faixa etária, à pergunta 167- *Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?*.

Quadro 3 – Lexias iguais com conceitos diferentes.

Número da Questão	115	167
Lexias registradas na Com. Café Norte	<i>cambota</i> para manco	<i>sapatinha</i> para amarelinha
Dicionário gaúcho (OLIVEIRA, 2003).	Subs. 1. O mesmo que cambalhota. 2) Parte circular da roda dos carros, onde se fixam os raios e na qual é fixado o aro. 3. Adj. Pessoa que tem as pernas em arco.	Sapata- Subs. Jogo infantil que consiste em pular num pé sobre casas riscadas no chão, exceto aquela em que cai a pedra que marca a progressão do jogador. O mesmo que amarelinha.
Dicionário sociolinguístico paranaense (FILIPAK, 1924)	S.f. (S-PR) 1. É o segmento circular da roda da carroça na qual se fixam os raios e a chapa (o aro) da roda.	Sapata: S. f. (PR) - Base de tijolos ou de pedras, sobre a qual se assentam as mestradas das casas de madeira ou as bases profundas de concreto dos edifícios de médio e grande porte na construção moderna.
Dicionário do dialeto rural do Vale de Jequitinhonha Minas Gerais (ANTUNES, 2013)	<i>cambota</i> , s. XIX; de <i>cambiar</i> [...] Reg. AM, RS, SP, TO. Diz-se da pessoa que tem a pernas arqueadas; <i>cambaio</i>)	_____
Dicionário de termos populares: registrados no Ceará (SERAINÉ, 1958)	adj. - Diz -se do indivíduo que tem as pernas arqueadas.	_____
Dicionário da Terra e da gente do Brasil (SOUZA, 1961)	_____	Sapata: termo amazônico designativo de massa de caucho, que se coagula sobre o solo depois de ser sangrada a árvore.
Dicionário Conciso Houaiss (HOUAISS, 2011)	_____	1-sapata pequena. 2 sapato feminino de salto alto.
Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Digital (MICHAELIS, 2015)	Reg. (MA,RS)- ver <i>cambaio</i> - Que ou aquele que tem as pernas muito arqueadas ou totalmente tortas; perna de xis, <i>zãibo</i> , <i>zãimbo</i> , <i>zambro</i> . 2 FIG Que ou aquele que puxa por uma perna ao andar; <i>cambado</i> , <i>cambembe</i> , <i>cambeta</i> , <i>cambuta</i> , <i>coxo</i> , <i>manco</i> . 3 POR EXT Que ou aquele que tem tremura ou fraqueza nas pernas; <i>trôpego</i> . 4 Diz-se de ou calçado velho e <i>acalcanhado</i> ; <i>cambado</i> .	REG (BA) Sapata pequena. 2 Sapato feminino de salto alto

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere à primeira variante, *cambota*, conforme registram OLIVEIRA (2003), ANTUNES (2013), SERAINÉ (1958), MICHAELIS (2015), além do significado referente à parte circular da roda dos carros, onde se fixam os raios e na qual é fixado o aro, exibe também o sentido de pessoa que tem as pernas arqueadas, resposta esperada para a questão. Porém, em Filipak (1924), registra apenas o conceito - 1. É o segmento circular da roda da carroça na qual se fixam os raios e a chapa (o aro), ou seja, não mencionando o sentido de pernas arqueadas como se apresenta nos autores citados anteriormente.

Essas informações conduziram a outro dado, quer dizer, o fato de o respondente ser paranaense e esse termo não estar registrado no dicionário de termos paranaenses, com sentido de pernas arqueadas, levou-nos a depreender que o uso dessa forma é fruto de contatos linguísticos dos pais, na região de origem, e que permanece no falar, tanto da geração mais velha quanto da geração mais nova, devido ao pouco contato com a escolarização, uma vez que o informante possui o nível fundamental, e ainda mora no campo.

O segundo lexema, *sapatinha*, diverge quanto ao conceito em 3 lexicógrafos. Assim, tem-se, em Oliveira (2003), “Sapata- subs. Jogo infantil que consiste em pular num pé sobre casas riscadas no chão, exceto aquela em que cai a pedra que marca a progressão do jogador. O mesmo que amarelinha”. Em Filipak (1924), tem-se: “Sapata: S. f. (PR) – Base de tijolos ou de pedras, sobre a qual se assentam as mestras das casas de madeira ou as bases profundas de concreto dos edifícios de médio e grande porte na construção moderna”. Souza (1961) traz como conceito, “Sapata: térmo amazônico designativo de massa de caucho, que se coagula sôbre o solo depois de ser sangrada a árvore”. Houaiss (2011) e Michaelis (2015) descrevem como “1. sapata pequena. 2- sapato feminino de salto”.

O confronto semântico apresentado acima, evidencia os “diferentes usos em que uma língua se diversifica conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Exibe, também, a variedade que a língua assume de uma região para outra e que no contato dessa diversidade cultural o indivíduo aumenta as fronteiras do domínio do repertório no nível lexical.

Ainda nesse campo de análise, sabe-se que, ao detectar um fenômeno de variação presente em dialetos distintos, as perguntas que aparecem de forma imediata, em qualquer nível linguístico, são relacionadas ao porquê e a sua origem. Nessa verificação, a variante não foi distinta, e por isso chamou nossa atenção. Referimos-nos à forma *bodoque*, denominação dada para a questão 157- *Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?*, dita por uma senhora, acima de 50 anos, cujos pais são do Rio Grande do Sul. Embora a carta linguística (303) do ALERS tenha apontado que seu uso é mais recorrente entre os rio-grandenses, encontra-se presente no vocabulário paranaense, mineiro e cearense e mantendo, em todos, o significado de brinquedo infantil, conforme segue.

Quadro 4 – Os registros de bodoque.

Número da Questão	157
Lexias registradas na Com. Café Norte	<i>bodoque</i> para estilingue
Dicionário gaúcho (OLIVEIRA, 2003).	Subs. Forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras, e usada geralmente por crianças para matar passarinhos; atiradeira, estilingue.
Dicionário sociolinguístico paranaense (FILIPAK, 1924).	S.m. (PR) 1. - Espécie de arco, feito de guatambu, gramixinga, pitangueira ou peroba, para atirar pedras ou pelotes, utilizado na caça de passarinhos. O mesmo que setra.
Dicionário do dialeto rural do Vale de Jequitinhonha -Minas Gerais (ANTUNES, 2013).	Bodoquiá (de bodoque arco para atirar bolas de barra endurecida ao fogo, pedrinhas etc, s. XIX - AGCUNHA). Fazer uso de bodoque, uma especie de atiradeira, para matar passarinho [...].
Dicionário de termos populares: registrados no Ceará (SERAIANE, 1958).	S. m. Arco com duas cordas de linho, paralelas, com pequenina rede entre elas, defronte da empunhadura. Arma de caça a passarinho.
Dicionário da Terra e da gente do Brasil (SOUZA, 1961).	_____
Dicionário Conciso Houaiss (HOUAISS, 2011).	Brinquedo usado para atirar pedras, feito com uma forquilha e elástico, atiradeira, pônica, através do ar.
Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Digital (MICHAELIS, 2015).	Bola de barro cozido que se arremessava com besta. 2 Por ext. Besta com que se arremessava essa bola. 3 estilingue.

Fonte: Elaboração própria.

À vista disso, realizamos uma busca etimológica em Corominas e Pascual (1980) e encontramos averbado que o lexema *bodoque* é de origem árabe. Esse termo foi difundido no Brasil como designação a uma arma dos indígenas e que por esse motivo acreditava-se que sua etimologia fosse tupi. No entanto, esse vocábulo, segundo o autor, já foi documentado no século XV, em fontes peninsulares e mexicanas, portanto sua origem árabe permanece. O fato de o lexema *bodoque* ser considerado, no Brasil, de origem tupi, nos levou a considerar que, diatopicamente, essa variante estende-se para todos os estados de origem dos entrevistados devido à presença dos povos indígenas originários nesses territórios, demonstrando assim a contribuição linguística advinda da interação entre essas culturas.

Em se tratando de termos tupi, consta nos dados uma contribuição dessa língua, a lexia *mangará*, resposta dada por um migrante, descendente de paulista e cearense, da segunda faixa etária, para a questão 44- *Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?*. Essa variante apresentou registro no dicionário de termos populares no Ceará (SERAIANE, 1958), “S. m. inflorescência terminal da bananeira. Uso popular”. Em Michaelis digital (2015) “REG (N.E.) parte terminal da inflorescência da bananeira, roxa ou castanho-avermelhada; coração. Etim. Tupi mangará”. E, em Cunha (1982, p.

202), Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi, “mangará: planta da família das aráceas. [...] em Mario de Andrade – a parte da inflorescência da bananeira, cujas brácteas cobrem pencas de flores abortadas”. Embora tenha origem na língua Tupi, não é conhecida nos demais grupos regionais pesquisados, como visto na forma *bodoque*.

Seguindo a investigação dos dados, para as lexias que se referem às brincadeiras infantis: *lets*, *gringorraia*, *passa já e ovo-choco*, e para os vocábulos: *porronca*, *narfo* e *Caminho de Maria*, não há acepções em nenhum dos dicionários consultados.

Quadro 5 – Lexias sem registros nos dicionários pesquisados.

Número da Questão	Lexias registradas na Com. Café Norte	Dicionário gaúcho (OLIVEIRA, 2003),	Dicionário sociolinguístico paranaense (FILIPAK, 1924)	Dicionário do dialeto rural do Vale de Jequitinhonha Carolina Antunes-	Dicionário de termos populares: registrados no Ceará (SERAIANE, 1958)	Dicionário da Terra e da gente do Brasil (SOUZA, 1961)	Dicionário Conciso Houaiss (2011)	Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Digital (2015)
33	<i>Caminho de Maria</i> para Caminho de Santiago	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
115	<i>narfo</i> para manco	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
145	<i>porronca</i> para cigarro de palha	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
162	<i>lets</i> para pega-pega	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
	<i>gringorraia</i> para pega-pega	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
164	<i>passa já</i> para lenço atrás	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
	<i>ovo choco</i> para lenço atrás	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados extralinguísticos dos informantes, registramos que a lexia *Caminho de Maria* e *porronca* foram mencionadas por um informante, paranaense, com idade acima de 50 anos, cujos pais são de São Paulo e Ceará; *pito-saci* foi dita por uma mulher, acima de 50 anos, de Mandaguari-PR, originária de mineiros; *lets* (162) e *ovo-choco* (164), responsivas dadas por uma mulher, acima de 50 anos, paranaense cujos pais são do Rio Grande do Sul, *gringorraia* (162), resposta dada por um homem, acima de 50 anos, natural de Juciara- PR, descendente de paulistas; *passa-já* (164), dita por um jovem, de 18 a 40 anos, com o ensino fundamental, proveniente de pais paranaenses.

Para o vocábulo *narfo*, mencionado por um jovem cujos pais são paranaenses, encontramos como registro na tese de Rodrigues (2007), *Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense*, fontes do léxico de *O esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO* (AGUILERA, 1987), as formas “Náfico/nafro: manco, náfrico”, consideradas como “dialetoismos portugueses – Os

dicionários dão como formas populares ou provincianismos portugueses que ainda resistem no universo vocabular de um e outro falante londrinense” (AGUILERA, 1987, p. 187 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 300). O registro do vocabulário londrinense nos permite inferir que sendo o falante filho de migrantes paranaenses, o termo utilizado por ele, *narfo para manco*, pode ser uma variação de náfico/nafro, de uso no falar de seus pais.

Cobra-cega, denominação dada à brincadeira *esconde-esconde*, foi mencionada por um homem paranaense, integrante da geração mais velha e descendente de paulistas. O conceito está registrado em dois dicionários, Filipak (1924) e Michaelis (2015). Em ambos possui o significado de cobra-cega: anfíbio, espécie de minhocão grosso ou cobra. Em nenhuma das obras verificadas foi citado que essa seria uma variação do termo *cabra-cega*, outro nome para a brincadeira.

No que se refere às brincadeiras, Ribeiro e Paim (2016) descrevem que o léxico referente aos brinquedos e brincadeiras infantis é extremamente rico e diversificado e a origem dessas atividades tem registros diversos. Narram as autoras que são “uma herança europeia, atribuída ao colonizador português e aos outros povos imigrantes, mas também aos povos provenientes da África no período da escravidão e também ao nativo indígena”. (RIBEIRO; PAIM, 2016, p. 21). Talvez essa rica diversidade seja o motivo de não encontrarmos, ainda, registros nos dicionários investigados, estudo instigante que poderá ser fruto de novas pesquisas e posterior documentação.

Também não há registros, nos dicionários de dialetos regionais, para a lexia *arco* utilizada por uma mulher paranaense, acima de 50 anos, para denominar 158- ... *o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*. A acepção “linha circular cujas extremidades se unem de modo a formar um círculo; anel, colar: Arco de pipa”, encontra-se no dicionário contemporâneo Michaelis digital (2015). Embora não haja registros no dicionário gaúcho, em uma pesquisa realizada pela ferramenta *Google*, encontramos um site <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/historia-da-pipa>> que trata da história da pipa, e nesse menciona que no Rio Grande do Sul é uma autêntica tradição espanhola o velho costume de empinar pipas na sexta-feira santa. E que essa é conhecida por vários nomes como: *churrasco*, *barrilete*, *arco*, *estrela*, *caixão*, *bidê*, *bandeja*, *navio* e *pipa*. Verifica-se aqui mais uma contribuição gaúcha para o léxico dessa região.

Ainda, na análise diatópica, temos *queixal*, nome atribuído à pergunta 99- *Como se chama esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)?*. O termo consta em Houaiss (2011) e Michaelis (2015), significando cada um dos dentes molares. Para essa lexia também não encontramos registro regional, talvez pelo motivo de ser um vocábulo referente ao corpo humano, sendo um substantivo derivado de *queixo+al*.

Pito-saci é mencionado por uma mulher, acima de 50 anos, como denominação à libélula. Nos registros do dicionário gaúcho encontra-se a designação de “*Pito de saci*- Subs. Nome que se dá às moscas sufídeas”. (Grifo nosso).

Por fim, *nenê da casa* para *caçula* compreende 3 conceitos diversificados, mas nenhum deles faz referência a *caçula*. O primeiro conceitua como: Subs. O recém-nascido (OLIVEIRA, 2003), o segundo: S. m. [Do Guarani *nê*: feder, cheirar mal] (FILIPAK, 1924), segundo o autor:

A etimologia de *nenê* remonta à época em que as índias guaranis, como escravas, eram obrigadas a cuidar de crianças. Sendo muito altivas, negava-se a trocar as fraldas das crianças sujas... Entregavam a criança suja a mãe dizendo “Nê-nê” ... E a mãe, pensando que *nenê* significasse criança respondia: “Dá cá o nenê!”, *nê-nê*, em guarani, quer dizer “fede-fede”. (FILIPAK, 1924, p. 256).

A terceira acepção traz: “Neném - adj. Tolo; inexperiente, diz-se do indivíduo a que facilmente se engana. Uso pop.” (SERAINÉ, 1958). De acordo com as significações de Oliveira (2003) e Serainé (1958), pressupõe-se uma proximidade de sentido do termo *nenê* com o termo *caçula*, quer dizer, aquele que é mais novo, indefeso.

Considerações finais

Dada a amostra da diversidade linguística dos informantes da comunidade Café Norte, no que tange a escolha de um termo lexical, identificou-se que o português falado nessa localidade é constituído, em sua maioria, por variantes do falar gaúcho, +[RS]. Detectou-se, também, a presença de vocábulos da língua tupi, como *mangará*.

Quanto aos fatores extralinguísticos, que são, segundo Cardoso (2010), inerentes aos falantes, ficou constatado que a variedade regional se mantém na fala dos informantes acima de 50 anos. Esse conservadorismo linguístico talvez se explique pelo fato de as *redes de relações sociais* desse grupo serem *isoladas*, quer dizer, restritas à família, conhecidos e vizinhos do período pré-migratório (BORTONIRICARDO, 2011), por isso propendem a favorecer a manutenção dessa variedade.

Outro ponto de reflexão refere-se ao não uso dessas variantes pelos informantes mais jovens, de 18 a 40 anos de idade. O contexto socioeconômico dessa comunidade permite presumir que, quando houve o fechamento da empresa IBIRAREMA⁶ que era um meio de trabalho e subsistência desses

⁶ A Armazéns Gerais Ibirarema (IBIRAREMA) surgiu, no município de Colíder, em 1985 e sua função era receber cereais como: arroz, feijão e milho, fazer a secagem e armazenar para a venda. Informações obtidas em entrevista com

indivíduos, provocou o êxodo de muitos habitantes, sobretudo os mais jovens, para outras cidades da região. Essa dispersão pode ter provocado o que Bortoni-Ricardo (2004, p. 53) denomina de “*traços descontínuos*”, ou seja, à medida que esses habitantes interagem com o ambiente e as pessoas do meio urbano, o repertório linguístico local vai sendo interrompido e, como consequência, desaparecendo.

Por fim, acredita-se que este estudo, voltado para o falar dessa comunidade rural, propiciou pistas para a compreensão da constituição do português falado nesse município, no início da colonização, nas décadas de 1970 e 1980, se apresentando como uma realidade em que os indivíduos são “plurilíngues na própria língua, ou melhor, plurivarietais” (ALTENHOFEN, 2013, p. 36), constituindo assim verdadeiros documentos do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas. (BUSSE, 2009).

Carlos Roberto da Silva Terra, ex-gerente da Companhia de Armazéns e Silos de Mato Grosso (CASEMAT) de 1982 a 1984, e da IBIRAREMA de 1984 a 1989, no dia 10 de fev. de 2018.

Referências bibliográficas

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Note@mentos**. Sinop, v.6, n.12, p. 31-52, 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/issue/view/73>>. Acesso em 17 jul. 2019.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASMANN, Mário Silfredo. **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2011.
- ANTUNES, Carolina. **Dicionário do dialeto rural do Vale de Jequitinhonha – Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BUSSE, Sanimar. Atlas linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**. Londrina, v.12, n.1, p.123-144, 2009.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. A dialectologia no Brasil: Perspectivas. **Delta**. vol. 15. Nº Especial, p. 233-255, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em out 2016.
- COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico**. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1980.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FILIPAK, Francisco. **Dicionário Sociolinguístico Paranaense**. Curitiba: Brasil Diferente, 2002.
- HOUAISS. **Dicionário Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. et al. **Atlas linguístico do Brasil**: v. 1: Londrina. Eduel, 2014. p. 37-77.

- MARQUES, Maria José Basso. **Atlas semântico-lexical de Colíder- Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso, Sinop, 2018. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/?pg=site&i=ppgletras-sinop&m=dissertacoes&c=turma-1>>. Acesso em: abr. de 2020
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Edição Digital: Melhoramentos. 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em em abr. de 2020.
- OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário Gaúcho**. Porto Alegre: Age, 2003.
- RIBEIRO, Silvana Soares Costa; PAIM, Marcela Moura Torres. Pipa e amarelinha na área do baiano numa perspectiva diageracional, p. 17-37, 2016. In: **A Fala Nordestina: entre a Sociolinguística e a dialetologia**. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/316050023>>.
- RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000128954>> Acesso em: maio de 2020.
- SERAINÉ, Florival. **Dicionário de Termos Populares: registrados no Ceará**. UFRGS: Simões Editora Rio, 1958.
- SOUZA. Bernardino José de. **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.
- TRASK. R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2015.